

SAMUEL IZAÍAS DOS SANTOS

A VISÃO DE CORPO DOS ACADÊMICOS DO CURSO
DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Caxambu
2004

SAMUEL IZAÍAS DOS SANTOS

A VISÃO DE CORPO DOS ACADÊMICOS DO CURSO
DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Momografia apresentado ao curso de Educação Física da Universidade Vale do Rio Verde, UNINCOR como requisito para obtenção de crédito na disciplina Seminário de Monografia ministrada pela professora Danielle Bernardes.

Caxambu
2004

DEDICATÓRIA

Primeiramente a **Deus**.

Aos meus pais, **Juarez e Nadir**.

A todas as pessoas que estiveram envolvidas,
direta e indiretamente.

Ao meu querido Mestre, **Fabiano Viotti**.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A Deus, por dar-me força nesta conquista.

Aos meus pais e a toda minha família, pelo apoio e incentivo para vencer mais esta etapa.

A minha Orientadora, Ms. Glênia Oliveira Bustamante, pelos ensinamentos passados, pela amizade, pela compreensão e pela brilhante orientação.

A todos os professores, que de alguma forma, contribuíram para o meu êxito profissional.

Aos meus amigos, pelo convívio de vários anos, pelas palavras carinhosas de incentivo e ajuda na elaboração deste trabalho.

Agradeço de Coração, todos aqui citados.

EPÍGRAFE

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.

Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário.

Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto.

Hércules quasímido, reflete o aspecto, a fealdade típica dos fracos.

Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente [...]

É o homem permanentemente fatigado”.

Euclides da Cunha, “O Sertanejo” em Os Sertões.

RESUMO

O trabalho em questão propõe analisar visões sobre como a sociedade trata o corpo do homem. O modo como este corpo é exposto o torna, muitas vezes, mecanizado, submisso, inferior a tudo que o rodeia, pois o corpo se torna objeto descartável de uma sociedade que não o respeita em sua totalidade e sempre o fragmenta para poder dominá-lo com mais facilidade. Um corpo alienado se torna de fácil manipulação, fazendo destes corpos eternos escravos para quem detém o poder. A partir deste ponto de vista, se traçará uma visão ampla de como este corpo é manipulado desde a Grécia antiga até os dias atuais e também como esta fragmentação foi possível através da biologia, filosofia, psicologia e sociologia no tratamento com o maior patrimônio do ser humano, seu corpo. A metodologia utilizada foi através da aplicação de um questionário, com os acadêmicos do 2º e 6º períodos da UNINCOR, com questões sobre o corpo para tentarmos observar se as visões destes acadêmicos se diferem entre os períodos. Os resultados obtidos muito nos surpreenderam, e, portanto, a discussão feita através destes dados obtidos foram de uma maneira qualitativa. Portanto, a conclusão que chegamos, foi que este assunto deve ser discutido mais vezes entre os acadêmicos e que a Universidade incentive estes, a pesquisarem mais sobre este assunto.

SUMÁRIO

	Página
1 - INTRODUÇÃO	07
1.1 - Objetivos.....	07
1.2 - Justificativas	08
2 - VISÃO DE CORPO	09
2.1 - Corpo Anátomo-Fisiológico	10
2.2 - Corpo Filosófico	12
2.2.1- Corpo Grego-Filosófico	13
2.2.2- Corpo Religioso-Filosófico.....	14
2.3 - Corpo Psicológico	15
2.4 - Corpo Sociológico	16
2.4.1- Corpo Sócio-Escultural	16
2.4.2- Corpo Sócio-Cultural	19
3 - METODOLOGIA	22
3.1 - Sujeitos	22
3.2 - Questionário	22
3.3 - Tratamento dos Dados.....	23
4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
5 - CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
ANEXOS	33

1- INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho visa analisar as visões de corpo que os acadêmicos do curso de Educação Física possuem, avaliando como estes vêem o corpo ao ingressarem na Universidade e como o vêem ao concluírem a sua graduação.

Para tanto, será apresentado uma visão global sobre o corpo em seus aspectos biológicos, filosóficos, psicológicos e sociológicos, fragmentando o corpo, com fins didáticos, para uma melhor compreensão de como as sociedades antigas e atuais imprimem ao corpo humano suas marcas, sejam boas ou más. Com isso tenta-se demonstrar ao leitor uma visão crítica a respeito deste tema tão polêmico discutido pelos melhores pesquisadores da área de Educação Física, tanto no Brasil como no exterior.

Refletir sobre este polêmico assunto torna-se necessário, pois em breve todos os acadêmicos do curso de Educação Física, que hoje aprendem assuntos sobre o corpo, no futuro serão professores que deverão ensinar práticas corporais para um melhor conhecimento dos alunos sobre seu corpo. O homem é o seu corpo, está no seu corpo e deve saber entender e compreender ele mesmo, porque o homem e o seu corpo é uma unidade que depende mutuamente para chegar a uma totalidade necessária para sua existência. Está é a proposta que tentará ser apresentada no decorrer deste modesto trabalho.

“Já disseram que o corpo não mente, mais que isso, ele conta muitas estórias e em cada uma delas há um sentido a descobrir, pois o corpo é nossa memória mais arcaica, nele, nada é esquecido”. (LELOUP,1998, p.15).

1.1. Objetivos

Analisar qualitativamente como os acadêmicos do curso de Educação Física vêem o corpo, de um modo integral ou fragmentado, quando ingressam na universidade e ao concluírem sua graduação.

1.2. Justificativa

Prestes a concluir o curso de Licenciatura em Educação Física, alguns questionamentos sobre o corpo instigam e estimulam-nos a tentar compreender, qualitativamente, este conceito.

Percebemos que o corpo pode ser entendido em sua totalidade ampla de ser humano ou fragmentado em seu aspecto biológico, filosófico, psicológico e sociológico. Podemos perceber que nem todos os graduandos do curso de Educação Física pensam e vêem desta maneira no decorrer da graduação.

Neste sentido, questionamos de que maneira deveríamos entender o corpo? Fragmentado nas suas diferentes dimensões biológicas, filosóficas, psicológicas e sociológicas? Ou como uma junção destas diferentes dimensões formando um corpo único e total?

Com isso, tentaremos compreender os conceitos de corpo que os graduandos do curso de Licenciatura em Educação Física possuem sobre este polêmico assunto.

“O próprio corpo, por sua vez, é considerado através de todas as suas manifestações e significações, não sendo apenas parte do homem, mas o próprio homem. Pode teorizar sobre os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, mas age fundamentalmente sobre o todo.” (MEDINA, 1996, p. 81).

2- VISÃO DE CORPO

Na sociedade capitalista que vivemos onde se busca o lucro a qualquer custo, a fragmentação dos conhecimentos, do corpo ocorre freqüentemente. Mas porque então que este modelo capitalista fragmenta o corpo? A divisão do corpo acarreta mais lucro? Portanto para este modelo de sociedade o corpo, o homem não tem muita importância e sim o lucro que se pode obter com esse “objeto de mercado”.

A visão de corpo é bem diferente entre as sociedades do Ocidente e Oriente cada uma tem um olhar diferenciado a respeito do corpo. No Ocidente há uma tendência do corpo ser compreendido como algo material e fisiológico, oposto da mente como entidades distintas e hierárquizadas, em que a mente é superior ao corpo (PINTO, JESUS, 2000). Esta visão de corpo reflete o modelo capitalista, onde o ser humano é visto como objeto e não como um ser pensante e único, pois para a sociedade Ocidental, muitas vezes o homem é simplesmente “um animal racional”.

Já a visão de corpo dos Orientais distingue-se desta dos Ocidentais. De acordo com Pinto e Jesus (2000, p. 91) “No Oriente, falar de corpo e mente como coisas separadas simplesmente não fazem sentido, pois para esse pensamento existe uma interdependência natural de todas as coisas”. Na visão Oriental sobre o corpo, o ser humano é visto como um ser único, não há fragmentação do corpo como existe no Ocidente. No oriente se respeita o ser humano como um todo, o homem é visto como “um ser humano” e não como classificam os ocidentais, do homem como um ser “racional”.

A visão de corpo também é fragmentada na Educação Física, muitas instituições acadêmicas superiores (Universidades) os professores (pós-graduados, mestres e doutores) e acadêmicos ainda não identificam o corpo como sendo um só, dividindo-o assim em diversas áreas. Mas talvez essa divisão não seja culpa exclusivamente só da Educação Física e sim da própria Universidade, que aceita este modelo capitalista de ensino proposto pela sociedade. A sociedade

capitalista fragmenta o homem e com isso, seu corpo, desde a Grécia Clássica, passando pela Idade Média e chegando a Idade Moderna, onde pelo poder dos meios de telecomunicação e o modelo capitalista não apenas fragmenta o corpo, mas o esquarteja de um modo desrespeitoso. Como disse Novalis ([s.d.]) apud Leloup (1998, p.08) “Não existe senão um só templo no universo, e é o corpo do homem. (...) Curvar-se diante do homem é um ato de reverência diante desta revelação da carne. Tocamos o céu quando colocamos nossas mãos num corpo humano”. É desse modo que deveríamos ver o corpo, com respeito e dignidade ao homem como um ser único com o seu corpo.

Para identificar melhor a visão que a sociedade antiga e moderna possui sobre o corpo, várias foram as fontes bibliográficas pesquisadas proporcionando adquirir um conhecimento sobre o tema para tentar explicar a fragmentação do corpo em: corpo anátomo – fisiológico, corpo filosófico, corpo psicológico e corpo sociológico.

2.1. Corpo Anátomo-Fisiológico

A visão de corpo anátomo-fisiológico é caracterizado pela ênfase biológica, não dando importância ao homem como um ser único.

“O corpo biológico é visto tão-somente como um “conjunto de aparelhos ou sistemas orgânicos”: nervoso, muscular, esquelético, digestivo, circulatório, respiratório, endócrino, linfático, reprodutor e excretor. Do ponto de vista fisiológico e anatômico, todos os seres humanos possuem os mesmos tipos de aparelhos, órgãos, tecidos e células; indivíduos de uma mesma raça apresentam a mesma estrutura corporal, diferindo apenas em fatores como hereditariedade, atividades desempenhadas, estado de saúde e deformidades. ”(BARBANTI, 1994, apud WERNECK, 1997, p.300).

Nesta visão sobre o corpo a ênfase biológica é reforçada por dicotomias que fragmentam a compreensão de totalidade do ser humano, pois o corpo é visto pura e simplesmente como uma máquina ou algo mecânico, tirando assim a sua essência humana visto como vida natural e original do homem.

De acordo com Bracht (1999, p. 73) “O corpo é igualado a uma estrutura mecânica – a visão mecanicista do mundo é aplicada ao corpo e a seu funcionamento. O corpo não pensa, é pensado pela racionalidade científica”. Esse ponto de vista biológico deixa de considerar o corpo do homem como algo humano e passa a vê-lo como algo mecânico, onde o que está com defeito pode ser substituído ou melhorado como se o corpo humano fosse composto por peças, como as de um automóvel dentro de uma oficina mecânica.

O corpo humano aqui é comparado a um nível de entendimento como nos laboratórios de performance humana, principalmente se tratando de treinamento desportivo no esporte de alto nível, o que é constatado por Vaz (1999, p. 101). “No treinamento para o esporte o corpo tem de ser visto como um objeto operacionalizável, de forma que as metáforas que o comparam com algum tipo de máquina, antes de procurar facilitar o entendimento de seu mecanismo, confirmam esse desejo de domínio”. Domínio este que está presente na preparação dos atletas profissionais, onde o ser humano, as suas emoções, seus pensamentos e seus desejos são deixados de lado, pois o que importa é o resultado, e para isso o corpo pensante não tem valor, e sim o corpo máquina, visto como um conjunto de músculos, articulações e ossos.

Esta visão biológica de corpo não é uma visão somente dos tempos modernos. Desde a Grécia Clássica já havia uma visão biológica a respeito do corpo, como constatado em Aristóteles [s.d] apud Werneck (1997, p. 302) “Salienta-se a importância do corpo biológico, considerando a saúde e a beleza corporal como virtudes agradáveis e necessariamente boas, pois ‘a virtude do corpo é a saúde, que deve permitir-nos usar o corpo, sem contrair doenças’”. Percebe-se, portanto, que Aristóteles, desde a Grécia Clássica, já tinha uma gênese da concepção do corpo de maneira puramente biológico e hierarquicamente inferior a alma, pois para ele a natureza destinou certos homens a dominar (filósofos que possuíam a inteligência e dominavam o saber) e outros a serem dominados (guerreiros que possuíam somente a força física). (ARISTÓTELES, [s.d] apud WERNECK, 1997). Esta versão clássica poderia ser representada nos dias atuais pelos patrocinadores (os filósofos) e os atletas (os guerreiros), onde os “guerreiros” devem a todo custo vencer para alcançar o lucro capitalista dos “filósofos”.

Pretende-se deixar claro nessa visão biológica sobre o corpo, o meio como ele é manipulado tornando-o desumanizado e comparando-o a algo puramente mecânico. Esta é uma visão não muito ética a respeito deste “objeto” que constrói a humanidade através dos tempos. Mas para a ciência biológica o corpo é padronizado e estruturado em uma perspectiva matemática, como dados quantitativos.

“A generalização dos dados estatísticos e medidas padronizadas, ao serem incorporados pelos profissionais vinculados às ciências biomédicas em todo mundo urbanizado, indica uma tendência à mundialização deste referencial de corpo que se sobrepõe às diversidades culturais, sob os auspícios da ciência, pois há um uso freqüente de conceitos e denominações como “homem e mulher de referência” (BEHNKE & WILMORE, 1974), modelo de referência (MACARDLE; KATCH; KATCH, 1986) peso corporal ideal (GUEDES, [s.d]). Estas definições usuais geram práticas de avaliação e intervenção sobre o corpo,

constituindo o imaginário social, ainda que as condições objetivas não permitam os meios para atingir este corpo considerado ideal e, ainda menos, refletir criticamente a este respeito”. (SILVA, 2001, p. 89).

Pode-se avaliar a partir destes preceitos que os profissionais da área biológica consideram o corpo quantitativamente, construindo uma imagem irreal de modelo do corpo, pois este é considerado referência aos demais corpos, como confirma Silva (2001, p. 91) “A mundialização de um corpo – referência, constituído pelas imagens biológicas é fundada num corpo objeto. O modelo de corpo proposto pela ciência é um corpo inexistente, porque ninguém corresponde as estatísticas vigentes”. Portanto, o padrão biológico de corpo não considera as características culturais dos sujeitos, sendo excluídas sem o menor pudor ético as culturas em diferentes partes do mundo.

Finalizando esse contexto anátomo-fisiológico, pode-se dizer que a visão de corpo nesta área da ciência é puramente uma visão mecanicista, onde o corpo externo é composto por músculos, articulações, ossos e outros, dividindo-o em partes. Esta visão fragmentada pode ser constatada no significado da palavra anatomia, onde ana = em partes e tomein = cortar (DÂNGELO; FATTINI, 1997). Esta visão mecanicista considera também o corpo interno onde os órgãos e vísceras são como peças substituíveis. O estudo da fisiologia do exercício pode demonstrar isto ao apresentar o coração como uma bomba mecânica, comparando o corpo humano a uma máquina (LEITE, 1984).

2.2. Corpo Filosófico

O corpo na visão filosófica é compreendido de maneira dualista. As perspectivas gregas e religiosas, o fragmentam em duas partes onde o corpo sempre é submisso à alma ou ao espírito respectivamente, constatado anteriormente na gênese da concepção de corpo de Aristóteles. É o que pode ser confirmado no trecho que segue:

“Deu-se uma transferência dos poderes do corpo para o espírito: de nada serve o corpo estar substancialmente unido ao espírito (e, assim, tornar-se vivo e indivisível), é este último que define a sua natureza humana. Doravante, o único defeito do corpo é poder levar a alma a enganar-se”. (GIL, 1994 apud BRACHT, 1999, p. 70).

Para um melhor entendimento desta visão de corpo, este será dividido em corpo grego-filosófico e corpo religioso-filosófico.

2.2.1. Corpo Grego-Filosófico

O corpo aqui é deixado em segundo plano, pois o que reina é a supremacia da alma, do inteligível (a alma) sobre o sensível (o corpo). Na visão grega havia dois mundos: um de idéias construído pelas realidades objetivas, imutáveis e universais, ao qual pertencia “a alma” imortal e divina, e um outro “sensível”, das coisas materiais, caracterizado por sua mobilidade, surgimento e desaparecimento, ao qual pertencia “o corpo” perecível e profano (PINTO; JESUS, 2000).

A supremacia da alma sobre o corpo é constatada em muitas obras ou relatos dos grandes filósofos da Grécia Clássica e outras.

“Sócrates filósofo que se ocupou especialmente de problemas metafísicos, ensinava “bem pensar” para “bem viver”. Ele dizia que o homem não é o seu corpo e sim “aquilo que se serve de seu corpo”. Sócrates sustentava, ainda, a noção do corpo como sendo uma coisa má: “durante todo o tempo em que tivemos o corpo, e nossa alma tiver misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos”. (PLATÃO, 1972 apud PINTO; JESUS, 2000, p. 89).

Este olhar dualista é apresentado por Sócrates descrito nos dizeres de Platão, pelo próprio Platão, por Aristóteles e muitos outros filósofos. Quando falavam sobre o corpo, o viam como uma coisa ruim sem sentido e totalmente material. O que pode ser confirmado quando Werneck (1997, p. 300) diz que: “A mais antiga concepção de corpo é aquela que o entende como instrumento da alma, significando, no nível do senso comum, a parte material do ser humano, em oposição à alma e ao espírito”.

Para Platão nunca existiu um saber sensível e nem inteligível. Segundo Pinto e Jesus (2000) e Werneck (1997) Platão considerava o mundo sensível uma cópia imperfeita do mundo inteligível, portanto, a alma era mais nobre que o corpo.

Diferentemente de Platão, Aristóteles tem outra visão acerca do corpo, talvez por sua formação básica em medicina, ele importava-se também com o corpo biológico. Mesmo assim, apresenta uma visão de submissão do corpo perante a alma, como relatado a seguir:

“Para Aristóteles o corpo deixa de ser negativo, pois o desenvolvimento corporal poderia favorecer a expressão da inteligência, mesmo sendo a contemplação – exercício reflexivo, atribuído à alma racional – o objetivo mais nobre a ser alcançado. Em sua obra “*A Política*”, Aristóteles relata que: “Todo ser vivo se compõe de alma e corpo, destinados pela natureza, uma a ordenar, o outro a obedecer”. A alma dirige o corpo, como o senhor ao escravo. A obediência do corpo ao espírito – da parte afetiva à inteligência e à razão - é útil e conforme às leis da natureza”.(ARISTÓTELES [s.d] apud WERNECK, 1997, p. 301-302).

Esta visão de corpo da filosofia grega se perpetuou no período medieval e assumiu perspectivas religiosas, trazendo novamente à tona, a visão platônica de corpo, como fonte de pecado e a alma a parte mais pura do homem (WERNECK, 1997).

2.2.2 – Corpo Religioso-Filosófico

Esta concepção percebe o corpo como fonte de pecados, cárcere do espírito, onde o corpo externo é carnal e o interno é espiritual, parecendo ser mais importante e o motivo do primeiro existir. O espiritual é entendido como conhecimento, reflexão, memória e o carnal como material e pecaminoso.

“Não é de admirar, tratando-se do corpo: porque o espírito é uma coisa e o corpo é outra. Por isso, se recorde, cheio de gozo, as dores passadas do corpo, não é de admirar. Porém, aqui o espírito é a memória. Efetivamente, quando confiamos a alguém qualquer negócio, para que se lhe grave na memória, dizemos-lhe: “Vê lá, grava-o bem no teu espírito”. E quando nos esquecermos, exclamamos: “Não o conservei no espírito”, ou então: “Escapou-se-me do espírito”; portanto, chamamos o espírito à própria memória”. (AGOSTINHO, 1996, p. 273).

Esta visão dualista de corpo para os religiosos apresenta-se como herança do pensamento platônico, cujas idéias a Igreja Católica se apropriou e imprimiu sobre elas sua própria marca, ligando o corpo ao pecado, à tentação, estabelecendo uma relação direta com a sexualidade (PINTO; JESUS, 2000).

Com isso, percebemos que a filosofia da Igreja Católica apresentava uma concepção de corpo como causa de todos os males da decadência da humanidade.

Santo Tomás de Aquino possuía um outro conceito a respeito de corpo como nos relata Werneck (1997):

“Para Santo Tomás de Aquino, o corpo não era visto como fonte de pecado e causa da degradação do ser humano, como salientava Santo Agostinho, ele considerava a participação do corpo fundamental para o processo de construção do conhecimento. Para Santo Tomás, corpo e alma representam a união de dois seres que, tomados em separação, são incompletos. É a partir dessa união que os seres completos se constituem. Com isso, da alma e do corpo resulta um só ser composto”. (TOMÁS DE AQUINO, 1973 apud WERNECK, 1997, p. 304-305).

Mas Santo Tomás admite ser a alma mais importante que o corpo, subordinando-se assim a princípios cristãos, caindo em contradições sobre a totalidade do ser humano que defendia, pois não há divisão, domínio nem submissão em uma unidade completa (WERNECK, 1997).

No início da modernidade, o racionalismo foi respaldado pelo conhecimento científico. Para Descartes (1979) apud Silva (1999, p. 11) “O corpo humano é do domínio da natureza, o corpo é puramente corpo, assim como a alma é puramente alma, princípio que autoriza a razão e a ciência a conhecer e dominar o corpo humano”. A partir desta visão começa aparecer outra concepção sobre o tema, o corpo psicológico.

2.3. Corpo Psicológico

Esta visão de corpo apresenta-se também dualista, pois divide o homem em corpo (matéria) e mente (intelecto) só ela pensa e comanda o corpo.

“Descartes encontrou subsídios para afirmar que o corpo é apenas uma matéria, um obstáculo que não pode compreender o mundo. O mundo somente seria alcançável pelo intelecto. Sem a mente o homem não compreende o mundo. É a exaltação da razão humana como único e último critério de verdade. A famosa frase “penso, logo existo” tem levado o homem a igualar sua identidade somente à sua mente, ao invés de igualá-la ao seu todo”. (DAMASIO, 1994 apud PINTO; JESUS, 2000, p. 90-91).

Pode-se confirmar que esta postura psicológica acerca do corpo que o fragmenta em corpo e mente, também vem de muito tempo atrás e permeia grande parte de nossas ciências até os dias de hoje. Esta visão dual do corpo é uma realidade que vive-se a todo momento. Aquela famosa frase “cansar o corpo para relaxar a mente” é um bom exemplo do que ouvimos diariamente a respeito desse assunto, onde consideram o corpo como algo que só serve para o trabalho físico e a mente numa esfera superior que para ficar em perfeita harmonia com o corpo, o faz de escravo para se satisfazer e realizar-se. Portanto, aqui, também, o corpo é visto como sendo submisso à alguma coisa, no caso à mente, tratando-o como algo inferior e não integrados.

Alguns, porém, chegam a afirmar que o corpo tem as mesmas qualidades da mente, dando-lhes o mesmo valor e respeito.

“Corpo e mente, todavia, são pólos, “específicos” da mesma realidade. O objetivo “específico” nesse contexto, quer dizer peculiar com certas identidades próprias. Assim, o contínuo energético personalidade, enquanto corpo, por ser energia de maior massa, possui certas qualidades que são explicadas mais adequadamente através do vocabulário da Física, da Química e da Biologia. Por outro lado, o contínuo energético personalidade quando se expressa através do pólo mente, de menor massa, possui qualidades peculiares de existência, qualidades estas que mais adequadamente são descritas pela Psicologia, Sociologia, Filosofia e Teologia”.(FEIJÓ, 1998, p. 17)

Mesmo com esta ênfase de igualdade entre o corpo e a mente, essa visão não deixa de ser dualista, pois permanece fragmentado-o e não dando importância a totalidade do ser humano. Portanto, parece ainda presente como se existisse um ser pensante e ordenante (a mente) e um ser material e obediente (o corpo). Muitas abordagens de corpo parecem defender um autoritarismo da mente sobre o corpo e se esquece que o ser humano é uma unidade total, um ser único e completo.

2.4. Corpo Sociológico

Também nesta visão o corpo será fragmentado numa visão “complexa” de corpo pelas influências dos meios de telecomunicações e numa visão “completa” de corpo, considerando-o como um todo e um só. Portanto, o corpo sociológico será descrito em duas partes: corpo sócio-escultural e corpo sócio-cultural.

2.4.1. Corpo Sócio-Escultural

Este conceito é maciçamente influenciado e esculpido pelos meios de comunicação, poder político, sociedade capitalista e também, por nós, que aceitamos esta alienação e acabamos muitas vezes nos conformando com esta visão de divisão hierárquica, onde um domina o outro.

“Desde que o homem se dividiu foi preciso justificar a divisão. Então, a razão concluiu que uma parte tinha que dominar a outra. Assim concluiu que o espírito tinha que dominar o corpo; a razão tinha que dominar os sentidos; os brancos tinham que dominar os outros; os letrados tinham que dominar os iletrados. Os cultos tinham que dominar os incultos; os detentores do conhecimento têm que dominar os ignorantes; os civilizados tem que dominar os primitivos; os desenvolvidos tem que dominar os não desenvolvidos”.(FONTANELLA, 1995 apud SOLER, 2002, p. 59).

Esta dominação fica clara deste Platão e Aristóteles, quando falam do “corpo guerreiro” que tem que ser transformado e modelado para obedecer, fazendo com que o corpo torne-se hábil para ajudar na legitimação de quem detém o poder político (WERNECK, 1997). Portanto, pode se afirmar que esta dominação sobre o corpo vem desde a Grécia clássica, mais que isso, ela está presente em toda a história da humanidade, fazendo do corpo muitas vezes, um “objeto” que pode ser manipulado sem respeito e ética.

Este desrespeito com o corpo fica ainda mais claro nos tempos atuais, principalmente, quando difundido pelos meios de comunicação. A mídia criou uma imagem de beleza estética para o corpo que aliena quem tenta igualar a imagem de seu corpo a esta imagem de mercado.

A ciência também tem a sua influência neste modelo de corpo, pois tanto a mídia quanto a ciência padronizaram um modelo que o homem jamais vai conseguir alcançar, o que pode ser constatado por Silva (2001).

“O interesse despertado pelo discurso produzido pela ciência, com informação sobre o corpo, a saúde, a beleza, sempre repetidos pelos meios de comunicação de massa, vai alterando as diferentes culturas que o incorporam e reconstróem suas formas de ser. A lógica mercantil propicia o enquadramento da beleza corporal, uma objetivação estética que reforça um sentimento de posse, ao mesmo tempo que um distanciamento ou uma perspectiva de exterioridade do corpo. Vemos a constituição de um “mercado das aparências” no qual o corpo é colocado como realidade a ser apropriado: cada um pode ter o corpo que quiser; mais uma dicotomia de difícil resolução para o indivíduo e a cultura urbana da atualidade”.(SILVA, 2001, p. 92-93).

Outro fenômeno que exerce influência sobre essa imagem moldada de corpo é o esporte, submetendo atletas a viverem com dores insuportáveis que os acompanham desde o começo do treinamento até o final das competições. Para Fraga (2001, p. 65) “Distensões, entorses, fraturas, rompimento de ligamentos e outras lesões são cada vez mais comuns em atletas de alto nível e indicam que a carga excessiva de atividades físicas acaba repercutindo negativamente no rendimento”. Isso mostra que o corpo quando levado em condições sub-humanas não resiste e acaba por deixar o atleta na “mão”.

Mais catastrófico ainda é a junção entre esporte, os meios de comunicação, principalmente a TV, os jornais, as revistas e o poder político. Um exemplo dessa imagem produzida por esses meios ou poderes, já foi reproduzida aqui mesmo no Brasil. É o que descreve Marilena Chauí na Folha de São Paulo de 13/06/1990 à respeito do Presidente do Brasil, na época, Fernando Collor de Mello:

“Marilena Chauí salienta que o ex-presidente Collor projetou, ao mesmo tempo, tanto o corpo juvenil (asa delta, jet ski, Cooper, karate), como o corpo erótico (viagens às ilhas Seychelles), o corpo elegante (cuidado com o cabelo, pele e vestuário), o corpo heróico (submarino, avião supersônico) e o corpo ariano (branco, alto, forte e bonito).

Tudo isso, em um país repleto de doentes miseráveis, caracterizado por machismo e por fortes repressões sexuais; por completa miscigenação; enfrentando elevada taxa de mortalidade e de crescentes números de “descamisados”, desnutridos e famélicos. Em suma: “Tudo o que nós não somos, Ele o é por nós, e isso nos basta”. A imagem de corpo projetada pelo ex-presidente Collor produziu um sentimento de identificação nacional, pois representa a própria materialização do modelo legítimo de corpo em nossa sociedade. Com isso, o nosso povo sentiu-se encarnado no corpo do presidente, e esse corpo autoridade forte,

bonito e esportista conseguiu, assim, subjugar os corpos dóceis dos cidadãos brasileiros”.(CHAUÍ, 1990 apud WERNECK, 1997, p. 318).

Com tudo isso, pode-se afirmar que a visão do corpo sócio-escultural também é uma visão de puro pluralismo e dominação ao corpo do homem, pois vivemos em uma sociedade capitalista, ou melhor, dizendo, consumista onde a procura pelo lucro, faz com que o corpo seja a principal vítima desse modelo de domínio antiético. Isso pode ser melhor entendido quando Vaz (1999, p. 92) diz que “O corpo é, em um primeiro momento, objeto e a vítima preferencial da civilização, cuja história pode ser lida nos anais do crescente processo de controle daquele, e pelo desenvolvimento das técnicas que medeiam esse domínio”. Domínio que vemos diariamente sendo exercido pela mídia sobre os nossos corpos, sem o mínimo de respeito com o homem e a sua cultura.

A conclusão que chega-se, neste momento, é que o ser humano, em todas as visões descritas anteriormente, nunca é visto em sua totalidade, pois a sua morada, o corpo, sempre é fragmentada, dualizada e pluralizada, tirando de si a essência mais natural da vida na Terra, que é a totalidade do ser humano.

“A noção vulgar do corpo humano recebe as mesmas influências maléficas do vírus que divide as ciências. Ao tentar explicar todas as suas dimensões, o homem se retalha em duas, três ou quatro partes e depois se torna incapaz de perceber a totalidade em que elas se realizam. Uma totalidade que inclua o outro e a natureza.”(MEDINA, 1996, p. 42).

2.4.2 Corpo Sócio-Cultural

O corpo sócio-cultural tem uma visão ampla de homem, em que não há fragmentação sendo visto em sua totalidade, como homem do corpo e corpo do homem. O que foi escrito por Merleau – Ponty (1994) apud Werneck (1997, p. 319) diz exatamente isso. “Não estou diante do meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo”. Portanto o corpo e o homem são a mesma coisa, os dois juntos são uma mesma unidade, fato este que pode ser observado nos bebês que tem como seu primeiro brinquedo o seu próprio corpo, ao descobri-lo mexe as mãos, chupa os dedos, experimentando, assim, os movimentos que lhe dão prazer ou desprazer (EMERIQUE, 2004). Esta visão de totalidade do homem com o seu corpo é uma visão onde não há algo superior a nada, como por exemplo, a mente superior ao corpo ou a mente que comanda o corpo. Aqui o corpo pensa, pois corpo e mente é um só, formando assim o homem em sua totalidade e justificando sua superioridade diante das demais espécies existentes na Terra.

O meio cultural em que vive influencia a totalidade do ser humano, pois a cultura constrói o corpo do homem englobando tudo ao seu redor, seus costumes, seus mitos, suas crenças, não descaracterizando seu modo de viver e pensar, fazendo com que cada homem tenha seu corpo modelado pela cultura à que ele pertence de um modo respeitosa e correto.

“Afirmar que o homem possui construções corporais diferentes em função de contextos culturais diversos é de fácil comprovação. Basta observar o enorme elenco de hábitos corporais, formas de cobrir o corpo, práticas lúdicas, formas de marcar o corpo, tipos de dança, cuidados com o corpo, conceitos de saúde etc; que os mais variados grupos humanos apresentam”.(DAÓLIO, 1998, p. 18).

A cultura do corpo, que enfatiza este trabalho, diz respeito ao modo como o corpo é influenciado pelas diferentes culturas onde o homem vive, pois acerca de valores ético-político sobre o corpo o homem não pode conhecer e nem se conhecer afrontando ou desprezando o corpo. Para Manuel Sérgio, é a partir desta premissa que se enumera esses valores ético-políticos, dentre os quais destaca-se:

“Pelo corpo é que podemos atingir uma concepção global do homem; pela linguagem corporal é que o homem ganha um meio extraordinário de comunicação e diálogo; o corpo constitui, tanto interior como exteriormente, o primeiro e mais importante ponto de referência e de relação; o corpo revela uma personalidade, uma cultura e, por decorrência, uma sociedade; o corpo não pode ser concebido como simples máquina a serviço do espírito, porque sem ele o espírito é indispensável; é através do corpo que a cultura capta seus limites, tanto os de ordem biológica como psicológica; é pelo corpo que a cultura deixa de ser platônica e tentar realizar a unidade humana com o nascimento da idéia onde está presente o homem integral; as atividades corporais podem e devem estimular o senso estético e, dessa forma, contribuir para a valorização da educação e do lazer; as atividades corporais podem e devem, através do jogo e do desporto, exercitar a criatividade, a liberdade, a alegria e o bem estar”.(MANUEL SÉRGIO [s.d] apud MOREIRA, 1995, p. 21-22).

O que pode-se afirmar é que cultura e corpo andam lado a lado, um dependendo do outro, para completar a totalidade do ser humano, em uma única e inseparável unidade. O corpo é um elemento da cultura em meio a uma diversidade de culturas. De acordo com Silva (2001, p. 88) “Temos, então, não um corpo, mas muitos corpos, tantos quantos são os sujeitos pertencentes às muitas culturas que povoam o planeta”. Culturas que em cada parte da terra cultuam o corpo de um modo diferente, que devem buscar compreendê-lo em sua totalidade mais ampla. A cultura se forma através das várias manifestações dos povos, desde as grandes metrópoles até os lugares mais longínquos do planeta, porque a cultura não discrimina o corpo, pelo contrário, faz dele o principal

ator da civilização sem se importar se os corpos são “feios” ou “bonitos”, o que importa é que este corpo seja fruto da cultura, independentemente do local onde se estabeleceu tal natureza. Portanto, a história determina as diferentes culturas espalhadas pelo mundo e com isso os diferentes gestos, expressões e movimentos corporais do homem, dando vida aos jogos, brincadeiras, danças, esportes, lutas, ginásticas, pois essas formas culturais de movimentos, gestos e expressões realizadas pelos seres humanos que constituem em bens culturais e um verdadeiro patrimônio lúdico da humanidade (VAGO, 1995). Patrimônio este que pode ser representado nas várias festas espalhadas pelo interior, onde a riqueza cultural é maior que nos grandes centros, onde as brincadeiras e os jogos são passados de geração a geração tornando-os tesouros culturais do homem, pois os movimentos feitos anos atrás é repetido pelas novas gerações nos dias de hoje, fazendo destes movimentos as maiores expressões de liberdade do ser humano em seus meios sócio-culturais.

Para um melhor entendimento desta visão do corpo sócio-cultural, deve-se deixar claro que a Educação Física tem o importante papel de manter estas manifestações culturais nos corpos dos alunos em suas aulas. Portanto, os profissionais desta área devem fazer um trabalho que leve o aluno a refletir sobre o seu corpo, objetivando que ele tenha uma real consciência corporal (MOREIRA, 1995). Porém, isso na prática é muito difícil para o professor de Educação Física, já que a própria cultura escolar define o esporte e a Educação Física como sendo a mesma coisa. Neste sentido concordo com Dáolio (1998, p. 17-18) ao afirmar “(...) ser necessário para a Educação Física a revisão do conceito de Cultura, uma vez que ela trata do homem nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano.” Por tanto se acredita que a Educação Física é a principal ligação entre cultura e o homem, fazendo com que se respeitem mutuamente e acabando de vez com a história de que as aulas de Educação Física sejam sempre lecionadas com o esporte como pano de fundo. A Educação Física deve basear seus conteúdos nas manifestações da comunidade que pertence seus alunos, demonstrando a estes o valor que tem os seus corpos culturais que adquiriram em meio a sua cultura, fazendo com que eles entendam o quanto é rico estes valores sobre o seus corpos.

Contudo, esta reflexão sobre a visão do corpo sócio-cultural não esgote as discussões sobre o tema, mas buscou deixar claro que a visão de totalidade do corpo deve ser respeitada, principalmente por nós mesmos, seres humanos pertencentes à uma sociedade onde há culturas diversificadas, devendo-se respeitar todas elas, sem distinção e preconceito.

“(...) e de repente, naquele simples aperto de mãos, na troca recíproca de uma espécie de energia que fluía naturalmente entre dois corpos humanos, percebi enfim o que significava SER, que os dicionários de

filosofia – excessivamente preocupados com as palavras – e os falsos filósofos – descompromissados com vida – jamais conseguiram me explicar com clareza... Fixar-se apenas nos valores do SER, entretanto, pode ser nada além do que uma incucação a mais no sentido de preservar a miséria e o desnível social existente nos países subdesenvolvidos. Eu só posso a começar a SER na medida que também posso TER um mínimo para viver – ou sobreviver – com dignidade humana”.(MEDINA, 1996, p. 65).

3- METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo, onde os entrevistados responderam um questionário a fim de investigar suas visões de corpo. Os dados obtidos durante a pesquisa foram refletidos e analisados a partir do referencial teórico estudado.

Portanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica descrita no desenvolvimento deste estudo. Este levantamento bibliográfico colaborou para montagem do questionário aplicado aos sujeitos participantes da pesquisa.

3.1. Sujeitos

O questionário foi respondido pelos alunos do curso de Educação Física do 2º e 6º períodos da Universidade do Vale do Rio Verde (UNINCOR) Campus de Caxambu. A princípio, o questionário seria aplicado aos acadêmicos do 1º e 6º período, mas isso não foi possível pelo fato de não ter turma de 1º período no semestre de realização desta pesquisa. Portanto, foi aplicado nos acadêmicos do 2º período. Participaram 10 acadêmicos (4 mulheres e 6 homens) do 2º e 6º períodos do Curso de Educação Física, com idade entre 19-41 anos. Foram entregues 05 questionários para os alunos do 2º período e 05 questionários para os alunos do 6º período, convidados aleatoriamente para participarem da pesquisa. Neste sentido, tiveram participação espontânea, assegurados de que não haveria identificação deles aos dados coletados.

3.2. Questionário

Foram elaboradas 7 questões sobre atividade física, Educação Física e visões sobre o corpo para compor o questionário.

O principal objetivo deste questionário foi perceber e analisar a visão de corpo dos acadêmicos do 2º e 6º períodos procurando refletir sobre suas semelhanças e diferenciações, a respeito da visão de corpo ao iniciarem o curso de Educação Física e ao estarem prestes a se formar.

O questionário foi elaborado pelo autor deste estudo e encontra-se em anexo.

3.3. Tratamento dos Dados

Deve-se destacar que dentre os procedimentos metodológicos utilizados para obtenção de seu objetivo, está a análise qualitativa das respostas obtidas no questionário aplicado.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos com a aplicação dos questionários muito nos surpreenderam, principalmente, em relação aos acadêmicos do 6º período, onde imaginávamos que teriam uma visão mais ampla e total a respeito do assunto tratado nas perguntas do questionário. Isso acabou não acontecendo e as respostas dos acadêmicos do 2º período tiveram muitas semelhanças com as dos acadêmicos do 6º período.

A partir de alguns pontos relevantes sobre o assunto a que se propôs este trabalho, extraídos das respostas dos questionários, tentaremos fazer uma análise dos dados obtidos.

A 1ª questão do questionário perguntava se os entrevistados praticavam alguma atividade física ou algum esporte. Dos 10 entrevistados, 7 responderam que sim, que praticavam. Os outros 3 responderam que não praticavam atividade física, nem esporte. Dos 7 que praticam atividade física ou esporte, muitos são praticantes de atividades esportivas.

A 2ª questão foi a continuação da 1ª, que perguntava o que o acadêmico buscava na atividade física ou no esporte. Das 8 opções, todos os que responderam que praticavam atividade física ou esporte, buscavam nestas atividades a saúde e a qualidade de vida. Chamou-nos a atenção um acadêmico (*sujeito 1*) que buscava, dentre as opções, a “consciência corporal”. Se estes acadêmicos não buscam a consciência corporal para si mesmo será que irão incentivar seus futuros alunos a buscarem?

Da 3ª questão em diante são perguntas abertas aos participantes, para expressarem seus pensamentos sobre o tema. Na 3ª questão foi perguntado aos acadêmicos que opinião tinham acerca de seus corpos. Dos 10 acadêmicos que responderam o questionário, a maioria destacou que seus corpos eram saudáveis, porém podiam melhorar seus padrões estéticos, pois assim seus corpos ficariam ainda mais saudáveis. Isso nos fez constatar que para os acadêmicos do curso de Educação Física, a estética corporal está ligada a saúde. Outro fato importante na 3ª questão foi a resposta de um acadêmico (*sujeito 2*), ao relatar que o seu corpo “*é o que lhe permite fazer coisas, sem o corpo*

ele não poderia realizar o planejado por sua mente”. Nesta resposta, começou a ficar claro, que para este acadêmico do curso de Educação Física, infelizmente, o corpo apresenta-se fragmentado. No exemplo deste acadêmico a mente comanda o corpo, fazendo com que o corpo seja submisso a mente, não vendo o ser humano como uma unidade, unidade esta que faz com que o corpo e a mente sejam a mesma coisa tornando o homem um ser total e único.

A 4ª questão perguntou-se qual era o conceito de Educação Física. A maioria respondeu que é educação do corpo. Para outros educação de hábitos e vida. Um dos acadêmicos (*sujeito 3*) respondeu que *“será o futuro da saúde, pois se antecipará a medicina na prevenção de doença”*. Mas existiu um acadêmico (*sujeito 2*) que respondeu com o seguinte conceito: *“Disciplina que visa formar o caráter do homem através da atividade física”*. Talvez não seja exatamente este o conceito mais adequado sobre a Educação Física, mas o que mais se aproxima do ser humano em sua totalidade, pois faz uma junção, eticamente correta, entre o caráter do homem com a atividade física que ele irá realizar.

O conteúdo da 5ª questão se referia à relação entre Educação Física e corpo na opinião deles. Um dos acadêmicos (*sujeito 4*) respondeu que : *“A Educação Física é como se fosse um manual do corpo e da saúde”*. Portanto, para ele a Educação Física é que dita as regras para o corpo, não havendo relação entre ambos. Mas todos acabaram tendo concepções semelhantes de que o corpo depende da Educação Física para estar esteticamente em perfeitas condições de “uso”. Na visão dos acadêmicos, a Educação Física imprime sobre o corpo a relação de cuidar dele apenas em termos estéticos, saudáveis, físicos e, conseqüentemente, acreditam que haverá uma melhora mental. Mais uma vez se fazendo a fragmentação do homem, em corpo e mente.

A 6ª questão perguntava aos acadêmicos o que achavam da frase *“Cansar o corpo para relaxar a mente”*. Dos 10 acadêmicos que responderam o questionário, 9 concordaram com frase, sendo que um dos acadêmicos (*sujeito 2*) respondeu a pergunta da seguinte maneira: *“O corpo foi feito para movimentar, se exercitar e cansar, para que a mente possa descontrair e relaxar”*. Parece que para este acadêmico o corpo é apenas escravo da mente, pois o que importa é a mente estar bem, o corpo parece não ter muita importância na sua opinião. Mas 1 dos acadêmicos (*sujeito 5*) respondeu discordando completamente com a frase, e disse o seguinte: *“Eu acho que não tem nada a ver, porque corpo e mente são em si a mesma coisa, tornando o ser humano como um todo”*. Para este acadêmico, a visão do homem não pode ser fragmentada, não pode haver diferença entre o corpo e a mente, porque para ele o homem tem que ser visto em sua totalidade sem dividi-lo como a frase o fez.

A 7ª e última pergunta era a seguinte: “*Você é feliz com a sua aparência e com seu corpo. Sim ou não. Porque*”. Apenas um dos acadêmicos (**sujeito 5**) respondeu que “*não era feliz com sua aparência e com seu corpo, porque esteticamente seu corpo não estava legal*”, ele dizia estar acima de seu peso ideal. Os outros responderam que estavam felizes com a aparência e com os seus corpos. Um deles (**sujeito 6**) relatou o seguinte: “*Gosto do que vejo no espelho*”, dando ao seu corpo e a sua aparência ares puramente estéticos. Um outro, respondeu (**sujeito 3**) “*Acho que tenho o que eu consegui com muita disciplina, sem ultrapassar meus limites fisiológicos*”, entendendo que a sua aparência e principalmente o seu corpo é apenas algo biológico. Mas um dos acadêmicos (**sujeito 7**) estando feliz com a sua aparência e com o seu corpo, respondeu a pergunta da seguinte maneira: “*Sou feliz sim, porque Deus me fez assim e me sinto bem como eu sou*”, entendendo assim que sua aparência e seu corpo não é simplesmente estética e biológico, mas o que a sua vida cultural e Deus lhe proporcionaram para poder viver bem.

Como já foi relatado no começo, os resultados obtidos através da aplicação dos questionários, não se diferenciaram entre os acadêmicos do 2º e 6º períodos. Quando começamos a construção deste estudo imaginávamos que a visão de corpo dos acadêmicos do 6º período poderia ser diferente da visão dos acadêmicos do 2º período, afinal já teria ocorrido muitas reflexões a este respeito durante o curso. Num contexto geral, podemos afirmar que a visão de corpo destes acadêmicos, tanto no começo como no fim do curso, foi exatamente a mesma. O que pôde ser percebido é que a visão de corpo dos graduandos do Curso de Educação Física se refere muito ao âmbito estético, biológico e psicológico, uma visão que possui limites profissionais importantes de serem discutidos, pois num futuro próximo irão trabalhar com seres humanos.

Para tanto, proponho algumas reflexões. Entendemos que existem diversos motivos que levam os acadêmicos a pensarem no corpo de determinada maneira. Acreditamos que um destes motivos desta visão fragmentada de corpo humano é o modelo de currículo adotado pela maioria das universidades, principalmente para os cursos de licenciatura em Educação Física. As universidades deveriam dar maior importância as ciências sociais e filosóficas, pois no nosso campo de trabalho iremos trabalhar com seres humanos e o que adianta conhecermos estes homens apenas em seus aspectos biológicos, estéticos e psicológicos se o que mais importa para lidar com o homem é conhecê-lo de uma forma total? Não acreditamos que devam abolir das graduações de Educação Física as ciências biológicas e psicológicas. Propomos que o corpo e o homem sejam vistos em sua totalidade, e para isso deve-se adotar um aumento da carga horária das disciplinas sociais e

filosóficas e com isso fazer uma melhor integração com as demais disciplinas, havendo assim um contexto maior para melhor entender o ser humano e o seu corpo dentro de todas as ciências.

Outro vilão nesta história, com certeza é o sistema capitalista, e através dele a mídia, sobretudo, a TV que impõe sobre nós o modelo de corpo “adequado” que devemos ter. Modelo este que faz com que nos alienamos à procura deste corpo inexistente. Segundo Silva (2001, p. 91) “A lógica que prevalece é a das ciências biomédicas, como fisiologia e a cinesiologia, indicando aos profissionais e à toda a sociedade uma desconsideração por outras dimensões do corpo e do movimento humano”, fazendo assim com que o corpo do homem perca de vista seus aspectos culturais. Mas porque a TV fala tanto deste corpo forte e bonito? Por que acreditamos que ao repetir inúmeras vezes que é este o corpo que todos deveriam ter, a TV consegue vender com mais facilidade seus produtos, como por exemplo, as atrações esportivas e as telenovelas, onde o que se mais explora são os belos e fortes corpos atléticos. Isto faz com que todos que estejam assistindo estes programas vejam estes corpos como modelo de beleza e saúde, o que busca fazer destes telespectadores eternos e alienados “escravos” desta TV que impõem um modelo de corpo.

Para finalizarmos esta discussão queremos deixar o nosso ponto de vista deste polêmico assunto. Em primeiro lugar, consideramos que deve predominar sobre a visão do corpo, a cultura onde estes corpos estão engendrados, pois o meio cultural é mais sensato e óbvio sobre os sujeitos que se encontram nesta sociedade cultural.

Outro ponto importante é que os profissionais da área de Educação Física devem respeitar estes corpos de acordo com suas culturas não tentando aplicar neles o que aprenderam nas teorias aplicadas dentro da universidade, pois deve-se respeitar a prática que vão ter em seu cotidiano com os alunos que irão trabalhar. Consideramos importante também passar a ver o homem e seu corpo de uma maneira total e única, sem discriminá-lo só porque esteticamente não tem o padrão aprovado por quem detém o poder.

“É importante entender o corpo como resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas e lugares; que ele é marcado e distinguido muito mais pela cultura do que por uma presumível essência natural; que adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações, para além de sua condição fisiológica” (FRAGA, 2000, apud FRAGA, 2001, p. 63).

5. CONCLUSÃO

A partir da compreensão dos relatos descritos no desenvolvimento deste trabalho, pôde-se verificar que o corpo sempre foi fragmentado por determinados interesses. Entendemos que os principais motivos dessa fragmentação são as instâncias que detém o poder dentro da sociedade, como: O Estado, a Igreja, as Ciências, os meios de comunicação e a Indústria Anti-Cultural. Portanto, compreendemos que a visão de corpo imposta por estas instâncias é de tornar o ser humano um “objeto” que possa ser manipulado conforme seus desejos e interesses.

Esta visão de corpo imposta pôde ser constatada dentro da universidade, através dos acadêmicos do curso de Educação Física que em sua maioria vêem o corpo fragmentado, dando maior importância aos aspectos biológicos (corpo máquina), estéticos (corpo forte e bonito) e psicológicos (corpo e mente). Os acadêmicos parecem se esquecer que este corpo também é social e cultural. Para tanto, acreditamos que para haver uma mudança nesta visão fragmentada, devemos como futuros profissionais da Educação Física acreditar e lutar para que esta visão seja modificada, pregando e demonstrando a toda a sociedade que o corpo é uma totalidade única do ser humano, buscando respeitar e compreender o corpo em todos os seus aspectos, sejam biológicos, psicológicos, filosóficos, sociais e culturais. Culturais, porque acreditamos ser a melhor compreensão para esta distorção à respeito do corpo. Por isso, concordamos com Werneck (1997, p. 323) “É um caminhar lento, a passos firmes: somos agentes socioculturais produzidos pelas circunstâncias do contexto e, ao mesmo tempo, produtores de cultura, com capacidade de interferir nos valores dominantes”.

Assim sendo, não devemos jamais perder a fé e a esperança de que no futuro o corpo seja visto como corpo que ele é, e não como “objeto” que pode ser manipulado conforme os interesses de quem detém o poder. Para que isso se torne realidade, acreditamos que a universidade deve incentivar seus acadêmicos a pesquisarem mais sobre este assunto, pois no nosso entender, consideramos que quanto mais o acadêmico tiver acesso a este polêmico assunto, mais crítico e

contundente será o seu ponto de vista sobre este tema, tornando-os assim agentes socioculturais do corpo do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **As Confissões**. Trad. José Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (Os pensadores). p. 257-307.

BERTHERAT, Thérèse. **O Corpo Tem Suas Razões: Antiginástica e Consciência de Si**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRACHT, Valter. A Constituição das Teorias Pedagógicas da Educação Física.. **Cadernos Cedex**. Corpo e Educação. Campinas: CEDES, v. 48, Agosto – 1999 p. 69-88.

BUSTAMANTE, Glênia Oliveira. **O Lúdico é Vivenciado nas Aulas de Educação Física Escolar?** 1999. 37 p. (Monografia de Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. **Anatomia Humana e Segmentar**. São Paulo: Atheneu, 1997, p. 01-11.

DANTAS, Estélio Henrique Martin. **A Prática da Preparação Física**. Rio de Janeiro: Shape, 1998.

DAOLIO, Jocimar. Educação Física e Cultura. **Corpoconsciência**. Revista da Faculdade de Educação Física de Santo André. Santo André: FEFISA, v.1, 1º Semestre – 1998, p. 11-28.

EMERIQUE, Paulo Sérgio. Aprender e Ensinar por Meio de Lúdico. In: SHWARTZ, Gisele Maria (Org.). **Dinâmica Lúdica: Novos Olhares**. Barueri: Manole, 2004, p. 03-17.

FEIJÓ, Olavo G. **Psicologia para o esporte: Corpo e Movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 1998, p. 37-87.

FRAGA, Alex Branco. Anatomias Emergentes e o Bug Muscular: Pedagogias do Corpo no Limiar do Século XXI. In: SOAREZ, Carmen Lúcia (Org). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 61-77.

GAIARSA, José Ângelo. O Corpo Fala: reflexões sobre a linguagem corporal. **Motriz**. Rio Claro: UNESP. v. 8, n. 3, Setembro/Dezembro – 2002, p. 01-06.

LEITE, Paulo Fernando. **Fisiologia de Exercício, Ergometria e Condicionamento Físico**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1984.

LELOUP, Jean – Yves. **O Corpo e Seus Símbolos: Uma Antropologia Essencial**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LOVISOLO, Hugo. Da Educação Física Escolar: intelecto, emoção e Corpo. **Motriz**. Rio Claro: UNESP. v. 8 n. 3, Setembro/Dezembro – 2002, p. 15-18.

MCARDLE, William; KATCH, Frank; KATCH, Victor. **Fisiologia do Exercício: energia, nutrição e desempenho humano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A Educação Física Cuida do Corpo... e “mente”**. Campinas. Papyrus, 1996.

MOREIRA, Wagner Wey. Educação Física Escolar: A Busca da Relevância. In: NISTA PICOLLO, Vilma Leni (Org.). **Educação Física Escolar: Ser... ou não Ter?** Campinas: Editora da UNICAMP, 1995, p. 15-27.

PINTO, Júlia Paula Mota de Souza; JESUS, Adilson Nascimento de. A Transformação da Visão de Corpo na Sociedade Ocidental. **Motriz**. Rio Claro: UNESP. v. 6, n.2, Julho/Dezembro – 2000, p. 89-96.

PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (Os pensadores). p. 115-191.

SILVA, Ana Márcia. Elementos para Compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. **Cadernos Cedes**. Corpo e Educação. Campinas: CEDES, v. 48, Agosto – 1999, p. 07-29.

SILVA, Ana Márcia. Corpo e Diversidade Cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: Autores Associados, v. 23, n.1, Setembro – 2001, p. 87-98.

SOLER, Reinaldo. **Brincando e Aprendendo na Educação Física Especial**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002, p. 13-60.

SOLETO, Alex. Para Cada Sexo, Um reflexo. **Isto É Especial**. São Paulo: Editora Três, Setembro/Outubro – 2001, p. 06-09.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação Física: Um Olhar Sobre o Corpo. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: UFMG, Março/Abril – 1995, p. 65-70.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o Corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no Treinamento Corporal. **Caderno Cedes**. Corpo e Educação. Campinas: CEDES, v. 48, Agosto – 1999, p. 89-108.

VIANA, Adalberto Rigueira; MELO, Walério Araújo; VIANA, Eliane Amaral. **Coordenação Psicomotora**. [S.L]: Sprint, v. 1, [199-], p. 19-31.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Educação Física: Novos Olhares Sobre o Corpo. In: SOUZA, Eustáquia Salvadora de; VAGO, Tarcísio Mauro.(Org.). **Trilhas e Partilhas**: Educação Física na Cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Cultura, 1997, p. 299-326.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

1) Pratica alguma atividade física ou algum esporte?

- () Sim - () Não

-Quais: _____

2) Em caso de afirmação, o que busca na atividade física ou no esporte?

- () Estética corporal

- () Saúde

- () Convívio social

- () Lazer

- () Status

- () Qualidade de vida

- () Performance

- () Consciência Corporal

3) Qual sua opinião acerca do seu corpo? Justifique sua resposta.

4) Qual seu conceito de Educação Física?

5) Em sua opinião qual a relação entre Educação Física e corpo?

6) **”Cansar o corpo para relaxar a mente”**. O que você acha desta frase?

Explique? _____

7) Você é feliz com a sua aparência e com seu corpo?

- () Sim () Não

Porque? _____

(Pesquisa experimental de monografia)